

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semanaário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendelro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueirense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Contas Municipais

Por acórdão de 3 de Outubro de 1942 do Tribunal de Contas, foi proferida quitação aos responsáveis pela gerência, feita em circunstâncias anormais e de emergência, da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos, referente às contas de 1941.

Dr. Simões Barreiros

Regressou de Lisboa, onde foi tratar de assuntos de interesse para o nosso concelho, o nosso director dr Simões Barreiros, presidente da Câmara.

Conselho Municipal

Conforme determina o art. 29.º, § 8.º, do Código Administrativo, deve reunir, na primeira quinzena, o Conselho Municipal, a fim de o sr. Presidente da Câmara submeter à sua apreciação a gerência do ano anterior.

Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Hoje, na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, às 21,30 horas realiza-se uma grandiosa festa regional dedicada à freguesia de Campêlo.

Inaugura-se também dois painéis sobre motivos de Campêlo.

Comércio de metais

Encontra-se patente na Secretaria da Câmara Municipal a tabela fixada pela Comissão Reguladora do Comércio de Metais, que pode ser consultada por todos os interessados.

Não esquecer

que termina hoje o prazo para manifesto de veículos automóveis, inscrições no Recenseamento Geral de Condutores de Viaturas Automóveis, registo de caninos e licença para os mesmos.

Temporal

A semana passada esta região viveu sob um temporal desfeito, no dizer desta gente.

Devido à violência das águas, que transformou os arroios em correntes impetuosas, morreu afogado na Ribeira da A'gua de Alta, no passado dia 20 do corrente, António Joaquim, de 13 anos—filho de José Joaquim e de Carolina da Conceição Godinho—moradores em A'gua de Alta.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

As transformações económicas e sociais

per Fernando Pinto Loureiro

A revolução industrial, mais propriamente a primeira revolução industrial, iniciada no fim do século XVIII, é o acontecimento de maior transcendência para a compreensão da *revolta* dos factos contra o individualismo. Com a invenção da máquina a vapor por James Watt em 1775, verificou-se um desenvolvimento extraordinário das principais indústrias, e especialmente das indústrias textéis da fabricação de tecidos de algodão e lã, da metalurgia, da extracção da hulha, dos transportes marítimos e terrestres, da telegrafia, da tipografia, da fabricação de máquinas e utensílios, etc., etc. Com estas transformações foram introduzidos novos métodos mecânicos na agricultura. Por sua vez o crédito desenvolveu-se e apareceram os grandes bancos, porque o desenvolvimento da indústria desenvolveu o mercado de capitais.

A descoberta da máquina a vapor marca a passagem da humanidade para uma nova etapa. Antes da invenção de Watt, durante milhares de anos, os homens para satisfazerem as necessidades quasi só dispunham da força dos seus braços, da de alguns animais domésticos e, especialmente da força do vento ou da corrente de uma ribeira. No total isto devia representar — segundo cálculos feitos — dois décimos de cavalo-vapor por dia e por habitante.

A revolução industrial trouxe transformações profundas. Viu-se então, como poderosamente exprimiu Oliveira Martins, a imagem colossal do homem que se multiplica a si próprio doze, quinze vezes na sua capacidade económica: um gigante da altura de vinte ou trinta metros, cujas mãos teem duzentos dedos, cujo braço levanta montanhas; um monstro de vigor, que tem por voz o estrondo das explosões e que, à energia da sua força muscular, adiciona a de substâncias como a pólvora e o dinamite.

O nascimento da grande indústria transformou os seres humanos em *homens-amplificados*, estreitou o contacto das diferentes nações e imprimiu ao ritmo da existência uma velocidade desconhecida. O transporte a vapor — como disse também admiravelmente Oliveira Martins — quando a locomotiva, rasgando o ar com silvos de vitória, pisa no solo com um império absoluto, galga os vales, passa através das montanhas, transpõe os continentes, comunica as nações — multiplica o homem 18 000 vezes, fá-lo tanto maior, mais poderoso, quanto este número está para a unidade. Carregava sessenta quilogramas? um comboio leva tresentos mil. Andava dois quilómetros? uma locomotiva anda sessenta,

O tempo cresceu trinta vezes e a força dez mil.

Esta multiplicação surpreendente das energias produtivas e dos progressos da técnica exigiria longas descrições que seriam desproporcionadas num breve panorama. Por isso me limitarei a ligeiras referências.

Aperfeiçoou-se a primitiva máquina a vapor, e a invenção da turbina a vapor deu origem às máquinas rotativas, aos compressores e deu um novo impulso à navegação.

Os progressos da industrialização foram muito rápidos. Alguns números apenas, quasi colhidos ao acaso entre muitos outros:

Na Inglaterra, em 1813, havia 2.000 teares mecânicos; em 1820, 13 000; em 1835, 115.000; em 1856, 275 000, 90 % dos quais a vapor.

Em França, em 1851, havia 5.600 máquinas, desenvolvendo uma força de 71.000 C. V.; em 1861 havia perto de 16.000, com 190.000 C. V. Dez anos depois, em 1871, contavam-se 26.000 máquinas e 316.000 C. V. Em vinte anos o número de máquinas tinha quintuplicado e a potência motriz tinha mais do que quintuplicado.

Na Alemanha, o número de pessoas empregadas na indústria, passou em vinte anos, de 1875 a 1895, de 283.000 para 2 115.000. E a percentagem da população agrícola diminuiu neste período de 64 % para 57 %. Em 1910 desceu mais ainda: para 40 %.

Na própria Rússia, em que o desenvolvimento na indústria foi mais tardio, de 1887 a 1897, a população industrial passou de um milhão e meio para dois milhões e meio de indivíduos.

Nos Estados Unidos, a produção metalúrgica elevou-se a um milhão de toneladas em 1870, dez anos mais tarde, quadruplicou; vinte anos mais tarde, atingiu nove milhões de toneladas.

A grande indústria cavou a ruína do artesanado e deu lugar à formação de fortes agregados populacionais. Assistiu-se, no século XIX, a-par de um extraordinário aumento da população, a migrações contínuas dos campos para as cidades e para as regiões suburbanas intensamente industrializadas. Estas migrações, o trabalho dos chefes de família nas fábricas, e não em casa, durante dias inteiros, e o emprégo crescente das mulheres e dos menores nas indústrias, trouxeram como consequência inevitável a desagregação das famílias. Mas além da desagregação familiar, o desenvolvimento do capitalismo — a substituição do Estado industrial ao Estado guerreiro, (Continua na 4.ª página)

El procedermos, por fim, à elaboração destes documentos. Estamos em presença de colecções, de textos, desenhos, objectos diversos colhidos sem ordem, ao sabor das circunstâncias: estações do ano, acontecimentos imprevistos, artigos de jornais, visitas a fábricas. O acaso da vida é um grande provedor de coisas interessantes e, se o mestre não quiser fechar a sua escola à vida tem de acostumar às lições ocasionais frequentes. Mas não quer dizer isto que se deva renunciar a todo o programa. Contanto que os quadros gerais do programa sejam escolhidos em função das necessidades psicológicas ancestrais das crianças, que é como quem diz dos seus interesses dominantes, pode-se estar certo de que propor-lhos será vê-los aceitar com entusiasmo. É claro que, nas particularidades, os programas variarão conforme a classe: em todo o agrupamento humano há sempre um interesse colectivo para um certo fim; esse interesse será muitas vezes sugerido por uma leitura impressiva do mestre, podendo ainda contar-se com a influência dum ou doutro aluno de individualidade marcante. Se estes interesses colectivos não forem desproporcionados nem constituírem caprichos momentâneos, nenhum mal vai em consenti-los. Pelo contrário. O que os alunos quiseram por si próprios, liga os efectivamente dum forma poderosa. E eis como: dada a hora da lição e proclamado o assunto do dia, cada um patenteia os documentos contidos no envelope respectivo. Enumera-se o que se possui; ordenam-se os documentos pela sua ordem lógica, inscreve-se a relação dos documentos no quadro e em fichas. Preenchem-se as faltas por meio de pesquisas nos dicionários enciclopédicos ou livros apropriados (isto apenas com os alunos para mais de dez anos). Há sempre uma quantidade de casos a resolver, cada aluno tem um ou vários a resolver; às vezes um dos alunos emite uma solução; anota-se; quando a solução se não encontra, delega-se num deles a resolver o problema. Pode acontecer que, caso a solução não mereça um trabalho especial ou apresente dificuldades exageradas, o mestre dê a resposta para e simples.

Desde então aprofunda-se o assunto até onde o permitir o grau de desenvolvimento dos alunos — ou o pequeno grupo dos mais avançados. Evite o mestre transpor este limite. Só lhes dirá aquilo que eles tiverem perguntado, excepto quando o assunto não esclarecido for importante e corresponda ao grau de desenvolvimento dos alunos.

Depois dum banquete, em Londres, em honra de Pedro e Maria Curie, Pedro Curie disse a Maria:

— Imagina que durante o jantar, como não sabia em que me ocupar, encontrei um jogo. Pus-me a calcular quantos laboratórios se poderiam construir com as pedras preciosas que cada uma das senhoras trazia à volta do pescoço. Quando chegou a hora dos discursos, eu tinha já chegado a um número astronómico de construções!

Produção agrícola

O Sub-Secretário de Estado da Agricultura, sr. Eng. André Navarro, foi ultimamente à cidade do Porto, onde inaugurou a nova fase da Campanha de Produção Agrícola.

No Teatro Gil Vicente realizou-se a sessão inaugural, a que assistiram centenas de lavradores do Norte do País.

O ilustre Homem Público proferiu então uma notável conferência, subordinada ao título e assunto o «Fomento Agrícola do Nordeste», para lembrar os meios efectivos da produção na região agrícola de Entre-Douro e Minho. O sr. Eng. André Navarro desenvolveu as mais oportunas considerações sobre a intensificação da cultura do milho, e disse: não poderá ficar um braço paralizado, uma reia a enfermar e um palmo de terra que não desentranhe ao máximo em riqueza agrícola.

Para avivar bem à reflexão de todos os lavradores norte-nhos, quanto importa trabalhar por amor da redentora cultura do pão, disse depois o ilustre orador: — «Falamos do pão nosso de cada dia».

Não se poderia encarar com mais clareza a importância da cultura do milho, para que todos, mesmo os mais abastados, reconheçam a necessidade de elevarem ao máximo a cultura cerealífera.

Referindo-se às tantas ilusões que desnorream a dedicação pela boa técnica na cultura agrícola, foram de bom aviso e de grande oportunidade, estas criteriosas palavras do ilustre Sub-Secretário de Estado da Agricultura: — «Não se julgue que poderemos construir felicidade duradoura sobre os frágeis alicerces da desdita

Revista Turismo

Acabamos de receber o último número da esplêndida Revista «Turismo», respeitante a Dezembro e dedicado às comemorações do Natal.

A conhecida e antiga Revista «Turismo» além de manter o seu excelente aspecto gráfico, melhora de mês para mês, apresentando agora variadíssima e atraente leitura.

Este número do Natal, profusamente ilustrado, insere valiosa colaboração, recomendando-se a todos os títulos; e inclui um artístico calendário a cores, para 1943, oferta aos leitores da Revista.

Agradecemos o número que nos foi enviado.

alheia. Apenas se poderão erguer assim frágeis castelos de cartas que tombarão por terra e com eles as utópicas ilusões que lhes serviram de base. Logo que sopra a mais leve brisa. A geração vivente tem ainda na memória nitidamente gravados os exemplos de há poucas décadas, para que se deixe arrastar por tão enganadoras miragens.»

Práticas, salutaras e oportunas são estas bem observadas reflexões do ilustre membro do Governo, porque não são, infelizmente, poucos os casos de sonhadas felicidades apoiadas em castelos de cartas.

Também, na cidade de Braga, houve ultimamente, um a sessão de propaganda agrícola, realizada na sede do Posto Agrário, na qual se preconizou a intensificação da cultura do milho na região de Entre Douro e Minho.

O renascimento da referida cultura assenta fundamentalmente na introdução e generalização de novas sementes e ainda na racionalização e aperfeiçoamento dos processos e maceração e transformação das palhas em instalações apropriadas seguindo os métodos modernos.



AVISO

Avisam-se todos os produtores agrícolas que decorre de 1 a 15 de Fevereiro próximo, o prazo para a sua inscrição, a fim de lhes ser fornecido sulfato de cobre, sulfato de amónio e nitrato de sódio para o tratamento e cultura de batatais.

A inscrição referida encontra-se aberta no Concelho de Figueiro dos Vinhos na sede do Grémio e nas de Pedrogam Grande e Castanheira de Pera nas respectivas Casas da Lavoura, em todos os dias das 11 às 17 horas, excepto às 3.ªs feiras.

Aferição de pesos e medidas

Foi determinado que seja designada a letra O para servir, durante o período desde 1 de Maio próximo a 30 de Abril de 1944, no aferimento de todos os pesos e medidas e mais instrumentos para pesar e medir.

Esta prescrição foi comunicada a todos os governadores civis do Continente e Ilhas e às circunscrições industriais.

Novos preços da gasolina

Foi fixado o preço de 5\$40 para o litro de gasolina, 5\$55 para o de petróleo e de 3\$50 para o de gasoil.

A Regeneração

Vende-se em Figueiro dos Vinhos na Barbearia de Victor do Carmo Correia, onde o leitor encontra igualmente à venda uma grande variedade de livros, revistas e jornais. Todas as encomendas bibliográficas serão rapidamente executadas.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas nesta relação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Joaquim Coelho, Chamusca - Pinheiro Grande
Alvaro de Jesus Baptista, Lourenço Marques
José Henriques Junior, Noeirinho
Manuel Alves Casinhas, Albergôa
Manuel Joaquim Inácio, Arga
José Simões Lopes, Fezrias de S. João
António Simões, Trespostos - Campêlo
Paulo Francisco Pedro, Carvalho Grande
Victorino Carvalho, Campêlo
Albino dos Santos Telhada, Lourenço Marques

CARTEIRA

Em casa do nosso particular amigo sr. Padre Inglez, encontra-se, de visita, o nosso assinante sr. Adeline de Almeida.

— Vimos nesta vila o nosso assinante sr. João Alves Pereira, comerciante de fazendas de lã no Cartaxo.

O Distrito de Leiria nos descobrimentos e conquistas dalém mar

Realiza-se na casa do Distrito de Leiria, no próximo dia 3 de Fevereiro, às 21, 30 horas, uma conferência pelo sr. dr. Alfredo de Carvalho, professor do Ensino Liceal, publicista e antigo Director da Biblioteca Erudita abordará o tema «O Distrito de Leiria nos descobrimentos e conquistas dalém mar», focando a projecção dos naturais do Distrito na nossa epopeia Ultramarina.

Ministério da Marinha Escola de Alunos Marinheiros

Concurso para admissão de alunos marinheiros

Está aberto concurso desde esta data e até ao próximo dia 19 de Fevereiro, inclusive, para admissão de CENTO E CINCOENTA ALUNOS MARINHEIROS e ao qual, nos termos do Desp. Min. de 8 de Outubro findo, podem concorrer mancebos que tenham nascido em qualquer dos anos de 1925, 1926 ou 1927 e que satisfaçam às condições de admissão e de preferência, bem como os esclarecimentos julgados necessários, e relativos a este Concurso, estão patentes na Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira, e constam dos impressos afixados nos Departamentos, Capitánias e delegações Marítimas do Continente, nas Câmaras Municipais de todos os Concelhos e à porta do antigo Arsenal da Marinha, em Lisboa.

Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira, aos 21 de Janeiro de 1943.

O 1.º Comandante a) Jaime dos Santos da Cunha Gomes Capitão de Mar e Guerra

Prevenção

Zíria Henriques de Abreu, viúva de Manuel dos Santos, moradora no lugar de Vilas de Pedro, freguesia de Campelo, constando-lhe que vão ser vendidos alguns bens que fazem parte do casal, ainda indiviso, de seus falecidos pais Manuel Simões de Abreu e Patrícia Maria, moradores que foram do mesmo lugar, previne, para os devidos efeitos, os pretensos compradores desses bens, de que, nos termos do art.º 2177.º do Código Civil e mais legislação aplicável, são nulos os respectivos contratos desde que neles não intervenham como vendedores todos os co-herdeiros.

Vilas de Pedro, 6-1-1943. a) Zíria Henriques de Abreu

Vendem-se em Figueiro

das as propriedades rústicas e urbanas pertencentes a Francisco dos Santos, Alfaiate Diplomado de Tomar. Trata-se com o mesmo.

DESVIO

CONTO — por MIGUEL PEREIRA

II

Setembro. Um ar morno envolve toda a cidade.

Os comboios vão cheios com as horas de trabalho: «Dá licença, sr. Costa? «Pode-se pagar esta conta?», Ele é que puha e dispuha. Até pôdia despedir quem quizesse... E tinha as chaves do cofre. Do cofre onde estava o dinheiro, muito arrumado nas gavetas, dum lado as notas grandes, doutro lado as pequenas, numa caixa as moedas miúdas. No fim do dia conferia locomotiva dá um silvo e o comboio começa a deslizar preguiçosa e desaparece no túnel.

Malas de couro com fechos brilhantes. Carregadoras suados a receberem a gorgêta. Depois um grifo cantador. Partiu... Fecharam-se as últimas portas. A locomotiva dá um silvo e o comboio começa a deslizar preguiçosa e desaparece no túnel.

O sr. Gonçalves também foi para as férias com a família. «Há tantos anos que não acompanhava a família.» Mas ia descançado. O Costa era de confiança, estava já na casa há quinze anos. Era como se fosse se ele com as chaves do cofre.

Para o Costa aquela ausência também era um alívio. Ele é que mandava agora ali. Todos os em-

pregados a cumprimentá-lo: «Bons dias, sr. Costa.» E depois durante as horas de trabalho: «Dá licença, sr. Costa? «Pode-se pagar esta conta?», Ele é que puha e dispuha. Até pôdia despedir quem quizesse... E tinha as chaves do cofre. Do cofre onde estava o dinheiro, muito arrumado nas gavetas, dum lado as notas grandes, doutro lado as pequenas, numa caixa as moedas miúdas. No fim do dia conferia locomotiva dá um silvo e o comboio começa a deslizar preguiçosa e desaparece no túnel.

Apresentando-se a primeira vez... Não, ele era o Costa, empregado há quinze anos, sempre honrado. Ainda à partida, o patrão a dizer-lhe: «Entrego-lhe as chaves, é como se eu ficasse aqui.» Mas as notas de mil ali arrumadas. Uma só e um pouco de sorte que mudança na sua vida! Quinta e sexta-feira voaram. Chegou o sábado, um sábado comprido que parecia não ter fim. Bateram as 7 horas, os empregados foram saindo, um a um e ele ficou só. Nem sabe como aquilo foi. Depois tudo arrumado sentiu no bolso do colete a nota muito dobrada, a tentá-lo... Sábado. Noite. Disse à mulher que tinha serão. Vinha tarde, não esperasse por ele. «O sr. Gonçalves está para fora e eu agora tenho muito que fazer.»

émo exemplo. «Siga os passos do sr. Costa», era a frase do patrão quando entrava um empregado novo. Como lhe teria vindo a lembrança do casino? Só porque tinha as chaves do cofre e o cofre tinha dinheiro, já estava mudado? E se tivesse uma noite de sorte?

Dizem que quem lá vai pela primeira vez... Não, ele era o Costa, empregado há quinze anos, sempre honrado. Ainda à partida, o patrão a dizer-lhe: «Entrego-lhe as chaves, é como se eu ficasse aqui.» Mas as notas de mil ali arrumadas. Uma só e um pouco de sorte que mudança na sua vida!

Quinta e sexta-feira voaram. Chegou o sábado, um sábado comprido que parecia não ter fim. Bateram as 7 horas, os empregados foram saindo, um a um e ele ficou só. Nem sabe como aquilo foi. Depois tudo arrumado sentiu no bolso do colete a nota muito dobrada, a tentá-lo... Sábado. Noite. Disse à mulher que tinha serão. Vinha tarde, não esperasse por ele. «O sr. Gonçalves está para fora e eu agora tenho muito que fazer.»

Beijou-a. A testa escaldava. Era aquela febre maldita a roê-la. E não a poder mandar para fora, como disse o médico. Sentiu uma onda de coragem invadi-lo. Talvez que hoje tudo mudasse. Um pouco de sorte. A mulher iria para fora, tratada como devia. Há vinte anos a trabalhar como uma moura. Sempre metida entre aquelas quatro paredes. D'pois de ter nascido a filha até deixou de ir à missa aos domingos. Bem merecia um pouco de conforto.

Aquela filha... Lá estava, debruçada na janela a iniciar mais um namoro. Era uma inútil. Só pensava nos cinemas e nos bailes. Arranjava sempre amigas que a levavam às duas coisas. Se ao menos casasse...

A camionete rolava na estrada. Na sua frente uma rapariga fumava um cigarro entalado entre dois lábios que pareciam pingar sangue. A perna traçada fazia com que a saia fugisse para cima do joelho. O sr. Costa sentia-se acanhado. Iam lá outras mulheres a contar anedotas escandalosas, sublinhadas por gargalhadas forçadas. Homens em conversa. O fumo dos cigarros

em suspensão, como um nevoeiro que se desfaz, tudo isto estonteava-o.

A camionete começa a diminuir a velocidade. Ao longe letras luminosas saltitam na frontaria dum edificio: C...A...S...I...N... O. Iluminem-se uma por cada vez e depois em conjunto. Mudam de côr. Acendem-se novamente mas agora intercaladas. Parecem teclas dum piano silencioso a tocarom uma música fantástica. Depois um ruído de travões e a camionete pára. As pessoas precipitam-se para a saída. O sr. Costa é o último a descer e encaminha-se para a entrada. «Talvez seja o primeiro a ganhar.» O porteiro de farda bordada a dourados empurra a porta giratória. Ele entra e tem a impressão de que penetra noutra mundo. Tudo cheio de luzes e as ventoinhas no alto a girarem velocemente. Um «groom» toma conta do chapéu e guia-o até à secção de vendas de fichas. Ele estende a nota e recebe um montão de rodellas de várias cores que distribui pelos dois bolsos do casaco.

(Continua)

GASOGÉNIOS

(AUTARK)

Fabricação Suíça

Modêlos especiais para automóveis e camions

Recomendados e preferidos pela

GENERAL MOTORS na Suíça

Funcionamento impecável — Sólida construção

e grande rendimento

Antes de comprar um gasogénio para a sua viatura

VEJA UM (AUTARK)

Em exposição no Stand dos Agentes para todo o Norte

AUTOINDUSTRIAL, L.

COIMBRA

6 3

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—**FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5.

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Asambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Asambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21333**

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

CABAÇOS—COIMBRA		ANCIÃO—COIMBRA			
DIARI (excepto aos Domingos)		às Segundas, Quartas e Sábados			
	Chegada	Partida			
Cabaços	—	5,30	Ancião	—	8,25
Alvaiázere	6,45	6,50	Alvôrge	8,50	8,50
hã de Couce	7,25	7,25	Rabaçal	9,10	9,15
Pontão	7,35	7,45	Condeixa	9,40	9,45
Coimbra	9,15	15,30	Coimbra	10,15	16,00
Pontão	18,00	18,10	Condeixa	16,30	16,35
Chão de Couce	18,20	18,20	Rabaçal	17,05	17,05
Alvaiázere	18,55	19,05	Alvôrge	17,25	17,25
Cabaços	19,20	—	Ancião	17,50	—

Pontão—Pombal

às quintas-feiras

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval) 24-21
Paragem em Coimbra, na AUTO GARAGEM. Telefone 701

Estabelecimento de materiais de construção

Santos, Lopes & Prista, L.ª

Praça José Malhõa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.ª» e do cimento «Tejo»
Loiças sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gesso, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

Madeira de castanho

Para construção ou latadas corte em Janeiro e Fevereiro

XX VENDEM

Albertina David ou Abílio R. is

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite
Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas Tungstam

Comissões e Consignações

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Ilisses António da Conceição

Pombal : : Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-4

Os melhores preços

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :: DENTES ARTIFICIAIS

Consultas às Sextas-feiras e aos Sábados até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Escola de Corte Luc

RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º Coimbra

Professora diplomada ensina curso geométrico completo, habilitando a executar vestidos e casacos e roupas interiores de senhora e criança e roupa interior para homem.

em 33 lições. Também ensina costura e vai a casa das alunas. Para informações, dirigir à ex.ª sr.ª D. Hermeia Lopes da Silva—Figueiró dos Vinhos.

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Alvaro Amorim Pinto
Advogado
Castanheira de Pera
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras

Joaquim J. Fernandes
Medico Municipal
Clínica geral
Doenças das crianças
Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira
Doenças de Pulmões — Partos
Clinica Geral
— Consultório e residência :—
Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte
Médico
Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro
Médico Veterinário Municipal
Clínica Geral
Operações e Vacinações
Figueiró dos Vinhos

Arrenda-se A Quinta do Caramelleiro Quem pretender dirija-se à família de João Zagarte Henriques 66 Figueiró dos Vinhos.

As transformações económicas e sociais

segundo a terminologia bem conhecida de Herbert Spencer — e a transferência das funções da família para as organizações económicas de crescente força e para as organizações estaduais, — provocou a «Socialização das funções de família».

«Viu-se uma curiosa inversão—escreveu Gibbins—na economia doméstica das vítimas do trabalho barato, porque as mulheres e as raparigas substituíam os homens no trabalho manufatureiro e, em consequência os seus maridos tinham muitas vezes que esperar, manietados e inertes, o cumprimento dos deveres de sustento da casa a que a mãe e as filhas, apesar de um trabalho árduo nas fábricas, eram incapazes de prover. Peor ainda, a mãe e o pai, nalguns casos, viviam à custa do trabalho mortífero dos seus pequenos filhos, deixando-os colocarem-se em manufacturas que os achavam mais baratos do que os seus pais».

Escusado é dizer que o desenvolvimento do trabalho feminino favoreceu o aparecimento dos movimentos feministas e, de uma maneira geral, deu à mulher uma consciência da própria independência que até aí não tinha nem podia ter; como é desnecessário lembrar que a desagregação da família se traduziu num enfraquecimento do poder paternal e numa situação mais independente dos filhos.

Com a era da grande indústria vem também a miséria social, a flutuação dos preços e essa grande doença da patologia económica, as crises que, repetindo-se todos os sete ou dez anos, revelam a forma descontínua que reveste a evolução económica em regime capitalista, «toda cortada de prosperidade e depressão».

A concentração dos operários nos centros industriais, em condições de indescritível miséria por vezes, dá-lhes a consciência dos seus interesses comuns. Os operários começam a ter uma certa importância social e política a partir do momento em que a própria mecânica do sistema económico os agrupou em classe. A princípio havia antagonismos entre os operários empregados nas maquinofacturas e os que tinham sido dispensados em virtude de os maquinismos industriais exigirem menor quantidade de mão de obra. Assim é que a princípio houve destruição de máquinas por operários mais exaltados.

Mas, já em 1838 se formou na Inglaterra o movimento cartista, com o fim de obter a extensão dos direitos da classe operária cuja origem se costuma filiar no desânimo provocado pelo «Reform bill» de 1832. Alguns comités formularam os votos das manifestações populares nalgumas frases concisas que se tornaram a «carta do povo» (People's charter). Houve movimentos de insurreição cartista em 1842 e, com maior violência, em 1848. Na revolução deste último ano, em França, o proletariado apareceu na cena política. Depois as revoluções, as greves e as reivindicações seguiram, havendo que destacar os acontecimentos da Comuna de Paris, em 1871. A par dos movimentos revolucionários, desenvolveu-se a associação entre as classes operárias, crescendo rapidamente o sindicalismo e fundando-se, no plano internacional, a «Associação Internacional dos Trabalhadores» ou 1.ª Internacional em 1866, pouco tempo depois dissolvida.

No fim do século XIX o capitalismo assumiu novos aspectos. Costuma a propósito falar-se em 2.ª revolução industrial, considerando-se esta segunda revolução da economia provocada pela utilização da electricidade na indústria a partir de 1885. Esta fase do capitalismo caracteriza-se, em primeiro lugar, por um aumento das proporções das empresas e por um mais perfeito aproveitamento dos recursos da técnica. A industrialização intensiva levou à formação de grandes empresas, e, pelo jogo da própria mecânica da movimentação de grandes capitais, a concorrência gerou o monopólio.

Assiste-se então, principalmente a partir de 1870, ao aparecimento dos grandes trusts, cartéis e holdings, ao desenvolvimento das sociedades anónimas e a um progressivo controle da indústria pelos bancos. E o capitalismo financeiro, contemporâneo da expansão imperialista colonial do fim do século XIX, a que já se chamou a luta pelo «território económico».

Desenrola-se uma intensa actividade comercial por todo o mundo — nasce verdadeiramente o mercado mundial — e, como disse Oliveira Mar-

Soneto

Fermoso Tejo meu, quão diferente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
O meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem. Oh! quem me dera
Que fôramos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera:
Tu tornarás a ser quem eras de antes,
Eu não sei se serei quem de antes era.

Francisco Rodrigues Lobo

Calendários

Remeteram-nos catálogos as seguintes entidades:

Adido da Imprensa junto da Embaixada Inglesa; Caminhos de Ferro Alemães, Secção de Turismo; Empresa geral dos Transportes, Rua do Arsenal, 146-1.º, Lisboa, e Rua Alexandre Braga, n.º 80, Pôrto; João Nunes Sequeira, Santo António das Areias. Agradecemos a gentileza das ofertas.

tins, atingem uma audácia insuspeitada «as aventuras e especulações da mercância».

Através de conflitos coloniais e perturbações revolucionárias, do desenvolvimento por vezes caracterizado do que já se chamou «super-capitalismo», de aperfeiçoamentos técnicos e progressos científicos até então imprevisíveis, o mundo viu nascer a civilização do século XX.

A guerra mundial de 1914-18 marca uma etapa histórica decisiva. Sob certos aspectos, o ante-guerra e o post-guerra constituem dois mundos diferentes. Mas, só um critério superficial e uma deficiente informação histórica nos levariam a vê-la guerra como uma potência demiúrgica capaz de fazer nascer um mundo novo. A guerra foi apenas o agente violento que apressou e facilitou certas transformações anteriormente latentes.

As consequências imediatas da guerra são bem conhecidas. Avigorou-se a intervenção do Estado nos negócios privados dos indivíduos e nalguns países surgiram movimentos políticos novos. Os vinte anos que antecorrem da guerra de 1914-18 até à guerra actual são o período de definitiva consagração de algumas tendências históricas logo anunciadas no post-guerra.

No ponto de vista económico, as dificuldades agravaram-se e as consequências da chamada civilização maquinista foram por vezes desastrosas. E' assim que em resultado do desenvolvimento da técnica que contribuiu para o incremento da produção, mas conduziu ao desemprego, que aumentou o número de mercadorias, mas diminuiu o número das pessoas com poder de compra, — se viu crescer um movimento a que alguém chamou «neo-malthusianismo da técnica» e se viram grandes figuras da política, das igrejas, do professorado e da literatura pregar a guerra às máquinas.

Destruíram-se então produtos alimentares e maquinismos por iniciativa das empresas. Quer se trate de reabsorver stocks excedentes ou de sanear os mercados, o caminho, é sempre o mesmo: destruição de coisas úteis que os homens pensosamente produziram e que faltam a numerosas famílias. A destruição dos produtos excedentes foi posta em prática em vários países: nos Estados Unidos da América do Norte, — sistematicamente durante a primeira experiência do Presidente Roosevelt, — no Brasil, na Argentina, em Java, em Cuba, na Africa Oriental Inglesa, no Canadá, em Ceilão, na Dinamarca, na Roménia, na Holanda, na Hungria, na Irlanda, na Noruega, na Grécia e na França.

Na América do Norte, em 1933, destruíram-se dois milhões de toneladas de milho e um volume talvez maior de trigo; destruíram-se 6.200:00 porcos e 220:000 porcas. Para dar efectivação à redução legal de 15.º na produção do leite, abateram-se 400:000 vacas. Em Los Angeles, durante perto de um ano, deitaram-se todos os meses aos esgotos 200:000 litros de leite; em Hartford, 30:000 litros cada dia.

Portugal dos descobrimentos Boletim bibliográfico

No princípio do século XV, quando a Idade-Média, período de mil anos, que alguém chamou um tonel de trevas, começava a extinguir-se, dando lugar a uma nova época, a das grandes epopeias, ainda o Oceano Atlântico inspirava profundo terror aos marítimos que se abalçavam a sulcar suas águas. O mar tenebroso, povoado de fantasmas, era um inferno flutuante, onde as ondas alterosas tragariam quantos navios o sulcassem. A certa altura acabava o mar e chamava evoluendo-se converteriam frágeis barcarolas em cinzas. Pequenas ilhas se divisavam no longínquo do horizonte, e aí daquele que se abalçasse a desembarcar, que estaria irremediavelmente perdido. Ali era a pátria dos gnomos, fadas e duendes, monstros de descomensurável ferocidade, que não perdoariam a quem profanasse seus domínios.

Era a lenda do tenebroso. Pelo contrário, a lenda do maravilhoso, que era produto da imaginação da época, dizia que o mar era de luz resplandecente. A certa altura, um mundo sobrenatural era divisada, onde os homens eram deuses que viviam em cidades gigantes feitas de ouro, com muralhas de diamante. Todo aquêl que se aproximasse era atraído por um influxo irresistível e ao pisar o solo imediatamente se converteria em deus, sendo coroado com louros e ramos de oliveira, tornando-se um justo habitante daquelas paragens encantadas, não mais se lembrando da Pátria distante.

Ei o tenebroso e inverosímil davam as mãos, calando rijo nos mais fortes ânimos, que voltavam aterrados, sempre que o mar bordejava um cabo bojudo, que depois se chamou Bojador.

Não, para além era impossível ir. Não era certo que um mundo desconhecido estava ao deante dele? E esse mundo ou fôsse de monstros povoado, que soltassem as fúrias, fôsse de Deuses do Olimpo, que recebessem com ramos de oliveira, palmeira e louro, todo aquêl que circundasse essas paragens, era comumente partilhado que todo aquêl que fôsse não mais voltaria, e se não voltaria era decerto porque tinha sido aniquilado.

Estava-se nessa fase aguda de espanto e terror desmesurado, quando um homem de rija vontade, alta cultura e alevantadas concepções, delineou a caravela, frágil barcarola, que iria explorar o ignoto. Esse homem, o Infante D. Henrique cognominado o Navegador, fez-se rodear de homens de saber náutico, fundando uma escola em Sagres, onde tomavam instrução os marítimos que se abalçavam a sulcar os mares.

Gil Eanes, escudeiro do Infante, é designado para dobrar o temível promontório (1483). Porém, ao aproximarem-se do Bojador, os marinheiros sentindo-se balançar dou-damente nas ondas que iam quebrar-se nos penhascos da costa que se divisava à distância, armam grande alarido, obrigando Gil Eanes, o homem da confiança do Infante, a renunciar. No ano seguinte, D. Henrique reúne todos os componentes da tripulação que no mesmo barco iam tentar empresa, fala-lhes ao coração e mostra-lhes a Pátria orgulhosa em possuir homens de tão alevantado ideal. Seu feito se fôsse levado até à decifração do mistério do Bojador, colocá-los-iam num altar de glória, onde os homens dos séculos vindouros se haviam de inspirar, para novas empresas, que elevando sua Pátria, a tornariam a primeira do mundo. E uma nova alma surgiu em cada um deles. Ma-

LIVROS.— Da Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125—Pôrto, os seguintes livros:

Pastorais e Eglogas, por Francisco Rodrigues Lobo, com ensaio bibliográfico e histórico-crítico, selecção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana; O orgulho de Felícia, e Braz e a primeira comunhão, pela Condessa de Segur.

A crítica destes livros sairá no próximo número.

REVISTAS E JORNAIS.— Livros de Portugal, Orgão mensal de informações bibliográficas do Grémio Nacional dos Editores e Livretiros. Director: António Maria Pereira; Editor: João de Araújo Morais; Redactores e Administradores: Nicolau Firmino e E. Borges de Castro.

—Recabemos o n.º 11, ano II, deste bem elaborado Boletim, que encerra elementos de grande interesse para quantos se interessam pelos problemas do livro português.

Vida Mundial. — Temos continuado a receber com regularidade este belo Documentário Internacional da Imprensa.

viam de ir, porque a Pátria queria que fôsse.

No alto de um rochedo abrupto talhado a pique sobre o mar, em Sagres, o Infante rodeado de seus homens animosos, vê desaparecer com o coração cheio de esperança, a caravela de Gil Eanes, para o Sul. Esta dobrou com facilidade o temível cabo. Nem monstros, nem mar de fogo se avistou em parte alguma. Dobrada a extremidade, novamente o mar se espalhava a perder de vista. Seria mais certa a lenda do mar de luz que ia dar a cidades desconhecidas feitas de muralhas de diamante e torres de ouro. Radiantes com o sucesso, voltaram a Sagres onde uma indizível alegria tomou o Grande D. Henrique. Sempre era certa a sua convicção, o mar não acabava ali, mas podia dizer-se que ali começava. Uma nova época surgiria, levando o nosso país a possuir um colossissimo império colonial. Fôsse como fôsse, impunha-se a exploração do feito inicial. E o caminho marítimo para a Índia, à morte do Infante (1460) estava preparado, para ser levado a efeito no tempo de D. João II.

Vastos domínios fôram sendo descobertos e como por encanto, o Portugal pequenino de território, tornou-se grandioso. Seus homens seduzidos pelo mar, foram em frágeis caravelas, em busca do ignoto. Seu lema era por Deus e pela Pátria. E como o sol que ilumina a terra, assimp Portugal mostrou à velha Europa as regiões desconhecidas do globo. Assim se tornou pelo esforço dos seus homens de mar, notável para toda a eternidade. Assim pelo trabalho dos seus habitantes se tornou senhor de um vasto Império Colonial, onde a árvore das nossas esperanças tem florescido.

Decorridos tantos anos após a época aurea dos descobrimentos, novamente a terra portuguesa pela mão dos seus chefes condutores, experimenta notáveis progressos, tornando-se um símbolo da paz a que o mundo cansado de uma luta sangrenta, aspira. Que esta chama, Símbolo imorredouro do Portugal eterno, sirva de exemplo a todos os povos do mundo. Portugal vive, tendo em seu seio, os heróicos descendentes dos antigos portugueses, homens do mar e da paz, cujo ideal imutável é o bem da nossa amada e alevantada Pátria.

Figueiró dos Vinhos, 12 de Janeiro de 1943.

Manuel Pereira da Silva